

Monólogo do espelho

Yuri Amorim

No frágil universo de vidro, nem sempre a simetria é perfeita. Dois homens, separados pela desvairada superfície do espelho, em lados opostos, mundos opostos, extremos opostos, miram-se vidrados.

— Quem é você? — pergunta um, de seu mundo inverso. Quem somos nós? Seremos, enfim,
— a mesma pessoa?

— De forma alguma — afirma o outro, resoluto. Somos radicalmente opostos. Sua esquerda é a minha direita. Enquanto eu sou a vontade, você é o produto. Eu sou a mão; você, a marionete. Do seu mundo, sou Deus; no meu você é só reflexo.

— E o que vê quando me olha?

— Em você vejo ambições sem limites; sonhos despudorados, livres, esvoaçantes. Mas espera... Não eram meus esses sonhos?

— Se são seus, são meus os seus sonhos.

— São sonhos?

— São são? Vãos?

— Em vão, me pergunto quem sou diante do espelho. E, agora, já não sei quem sou. Imagem sem corpo? Corpo sem imagem?

— Como pode alguém saber quem é se dedica a vida a ser ninguém, sendo todo e qualquer um ao mesmo tempo? Quantas máscaras vestirá o artista ao longo da vida de tantos espelhos?

— Sou máscara sem rosto. Mas e o rosto por trás da máscara?

— É o meu rosto.

— É verdade. Agora me lembro. Esse seu rosto, tão familiar,

— costumava ser também o meu rosto.

E, no entanto, eram só um.

Yuri Cavalcante Amorim

Cineasta (PUC-RJ), Músico e Poeta